

CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ LUSMÁRIO RAMOS DE OLIVEIRA

**A ABORDAGEM GESTÁLTICA E O VIÉS POLÍTICO:** a dimensão social do self e a  
Gestalt-terapia como forma de resistência ao sistema organizado

Juazeiro do Norte – CE

2018

JOSÉ LUSMÁRIO RAMOS DE OLIVEIRA

**A ABORDAGEM GESTÁLTICA E O VIÉS POLÍTICO:** a dimensão social do self e a Gestalt-terapia como forma de resistência ao sistema organizado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus César de Borba Belmino.

Juazeiro do Norte – CE

2018

## **A ABORDAGEM GESTÁLTICA E O VIÉS POLÍTICO:** a dimensão social do self e a Gestalt-terapia como forma de resistência ao sistema organizado

José Lusmário Ramos de Oliveira<sup>1</sup>  
 Marcus Cezar de Borba Belmino<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A proposta deste artigo é discutir como a Gestalt-Terapia excede o âmbito psicoterapêutico se apresentando como forma de resistência ao que Goodman chamou de “Sistema Organizado”. Para tal, compreende-se em uma revisão bibliográfica de cunho exploratório-descritivo acerca de suas bases filosóficas, utilizando-se da análise de conteúdo do material encontrado. Desse modo, ressalta-se que a pesquisa percorre um caminho desde a ética que dá margem a sua concepção de clínica, perpassando a maneira como faz uma releitura da teoria da intencionalidade de Brentano, discutindo a dimensão por vezes encoberta, socio-política da teoria do *self*. Ademais, pretende-se refletir e apresentar como estes conceitos fundamentam críticas direcionadas ao *status quo* e propor uma discussão sobre a importância de se refletir a Gestalt-Terapia em seu viés político, reorientando o foco dado à psicoterapia para uma clínica de intervenção social. Portanto, ressaltando o compromisso ético-político da abordagem gestáltica com reflexão crítica da realidade social.

**Palavras-chave:** Gestalt-Terapia. *Self*. Política. Resistência. Sistema organizado.

### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to discuss how Gestalt-Therapy exceeds the psychotherapeutic scope by presenting itself as a form of resistance to what Goodman called the "Organized System". For this, it is understood in an exploratory-descriptive bibliographical review about its philosophical bases, using the content analysis of the material found. In this way, it is emphasized that the research runs a path from the ethics that gives rise to its conception of clinical, going through the way it does a re-reading of Brentano's theory of intentionality, discussing the sometimes hidden, socio-political dimension of the Self theory. In addition, it is intended to reflect and present how these concepts ground criticism directed to the status quo and to propose a discussion about the importance of reflecting Gestalt-therapy in its political bias, reorienting the focus given to psychotherapy to a social intervention clinic. Therefore, highlighting the ethical-political commitment of the Gestalt approach with a critical reflection of social reality.

**Keywords:** Gestalt-Therapy. Self. Politics. Resistance. Organized System.

## **1 INTRODUÇÃO**

Por algum momento, alguém que se propõe a estudar a abordagem gestáltica, já percebeu que os interesses e crenças acerca da abordagem, por muitas vezes, repousam sobre a psicoterapia. Assim, por vezes, podendo levar a crer que ela existe apenas enquanto viés psicoterápico. Os motivos em torno deste fenômeno sejam talvez explicados por Gary M.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: llusmario@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

Yontef em seu recorte histórico publicado em 1993, no capítulo intitulado “História e Política da Gestalt-Terapia”. Yontef (1998) nos lembra que a Gestalt-Terapia<sup>3</sup> surge no cenário pós Segunda Guerra Mundial, em um contexto reativo contra o autoritarismo. Assim, um grupo formado por pessoas rebeladas contra a coercitividade autoritária e a rigidez social, com visões revolucionárias e condutas agressivas, marcou este momento com conflitos intelectuais e políticos pretendendo “criar uma teoria social e política completa” (p. 122).

Porém, se por volta de 1950 havia uma grande preocupação com a intelectualidade e organização contra o autoritarismo, Yontef (1998) observa como o contexto reverso presente na década de 60 influenciou os caminhos dos autores. Este cenário, explica, deu margem a novos modelos psicoterápicos, sendo o mais influente difundido por Fritz Perls quando se distanciou do grupo de Nova York para viajar pelos Estados Unidos, disseminando a abordagem gestáltica de forma teatral, catártica, que beirava o espetáculo. Desta forma, “muitos começaram a igualar a Gestalt-terapia com as pirotecnias bombásticas e confrontações abrasivas desse estilo” (YONTEF, 1998, p. 124).

Talvez por este motivo, na década seguinte, estiveram presentes preocupações em definir e discutir os rumos que estavam sendo traçados. Na obra supracitada, o autor reconhece que Perls não assumiu apenas o modelo citado acima, porém, quando se deu conta, já era tarde demais para associá-lo com a teoria básica da GT. Assim, Para Yontef (1998) mesmo tendo Laura Perls se manifestado explicitando que a maneira que Fritz atuava era apenas uma dentre várias da GT e Isadore From ensinar de acordo com os princípios exposto por Paul Goodman na obra *Gestalt-Therapy*, a abordagem se distanciou ainda mais da teoria inicial mitigando a imprescindível relevância da responsabilidade social, como explicaremos melhor mais adiante.

Deste modo, se há uma teoria que pressupõe uma visão de homem e se apresenta como forma de confrontação às instituições e modelos sociais autoritários, acredita-se ser necessário compreender o seus vieses sociais e políticos e as implicações destes na sociedade. No caso da GT, implicações essas que visam compreender e discutir o estado atual em que os indivíduos estão inseridos e quais impactos deste em suas vidas. Todavia, Fritz Perls e Paul Goodman dão continuidade às suas atividades, tendo Perls um foco mais voltado à clínica psicoterápica enquanto Paul Goodman se propôs a, através da teoria da GT, refletir sobre as discussões sociais e políticas, que geraram críticas ao que chamou de “sistema organizado”. Portanto, este artigo propõe responder a seguinte questão: como a GT excede o âmbito

---

<sup>3</sup>Daqui por diante, ao se referir à abordagem, será utilizado suas iniciais: GT.

psicoterápico se apresentando como uma forma de resistência ao sistema organizado?

Logo, debruçando-se sobre a construção de pesquisas voltadas para o âmbito social e político da abordagem gestáltica, favorecendo a produção de estudos científicos sobre tal referencial teórico-prático e expandindo sua visão ética de subversão social para compreender os modos de subjetivação contemporâneos que se ressalta a importância de salientar a interlocução entre a ciência psicológica e práticas interventivas voltadas para a crítica da realidade sócio-política.

Destarte, apresentam-se de fundamental importância às discussões políticas para a emancipação da sociedade e expansão de possibilidades diante do atual sistema organizando atrelado ao capitalismo, modelo socioeconômico excludente, desvitalizante e opressor. Assim, o interesse em questão perpassa o percurso acadêmico e clínico, bem como a história de vida do próprio pesquisador, enquanto pesquisador, gestalt-terapeuta e ativista social, tendo em vista que a escolha pela abordagem ter sido operada através da percepção de suas implicações sócio-políticas. Dessa maneira, compreendendo a imprescindível relevância de traçar canais de comunicação entre o contexto político e a abordagem gestáltica, bem como a ampliação de discussões nessa área, pautadas em um movimento emancipatório e vitalizador de emancipação ao sistema organizado.

Para tal, propõe-se discutir acerca da importância de desorientar-se da preponderância dada ao âmbito psicoterápico e a concepção do *self* de forma individualizada e ampliar as implicações dos vieses sociais e políticos nele contido, discutindo a GT enquanto forma de resistência ao *status quo*, propondo refletir sobre sua base filosófica, a dimensão social do *self* e as críticas direcionadas ao sistema organizado.

## **2 METODOLOGIA**

Destarte, a pesquisa é caracterizada por uma abordagem qualitativa, apresentando como característica a explicação ou descrição de algo em um determinado contexto, buscando compreender a totalidade do fenômeno estudado. Assim, sem o enfoque do controle de variáveis e condições de controle para a construção do conhecimento, salienta-se a construção de uma pesquisa pautada em uma contextualização sócio-histórica (GIL, 2002).

Nesse sentido, no que concerne aos objetivos do estudo, enquadra-se a pesquisa enquanto exploratório-descritiva. Caracteriza-se como exploratória, conforme Gil (2002), os estudos que proporcionem uma maior familiaridade com o objeto de estudo, para torná-lo

mais claro e construir hipóteses, aprimorando as ideias sobre a temática escolhida pelo pesquisador. E, no que concerne ao viés descritivo, as características de um determinado contexto, população ou fenômeno. Essa pesquisa se ocupa da descrição das críticas ao sistema organizado, bem como dos modos pelos quais a GT se predispõe como uma clínica baseada em intervenções sociopolíticas.

Nesse seguimento, utilizou-se como método de pesquisa a revisão bibliográfica, que como aponta Marconi e Lakatos (2003) refere-se ao levantamento da literatura existente sobre uma determinada temática, bem como outros documentos para refletir criticamente sobre as produções realizadas sobre o objeto de estudo e formular novas ideias a partir disso. Com isso, utilizou-se de artigos científicos, livros e dissertações de mestrado para compor o estudo, a partir dos descritores “Gestalt-terapia”, “política”, “*self*” e “sistema organizado”. Para a análise dos dados coletados, recorreu-se a análise de conteúdo, que se refere a escolha de documentos para formular análises, discussões e hipóteses, tratando os dados a partir de inferências e interpretações.

### **3 CLÍNICA, ÉTICA, E A CRÍTICA AO MODELO MENTALISTA**

#### **3.1 A CLÍNICA GESTÁLTICA COMO DERIVA ÉTICA**

Antes de qualquer coisa, arbitrou-se necessário compreender como a GT apresenta-se, desde a concepção fenomenológica de sua clínica, como um modelo descentralizado. Portanto, a saber, como desloca-se das perspectivas tradicionais da época, e como, por um lado, vem traçando seus caminhos nessa direção.

Com a publicação da obra *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality* em 1951, podemos compreender como foram sistematizadas as ideias de Perls, Hefferline e Goodman<sup>4</sup>. Apesar de conter releituras das teorias psicológicas proeminentes da época, novas compreensões do desenvolvimento humano e de sua natureza, um modo peculiar de olhar para as psicopatologias e outras pressuposições teóricas, pode-se perceber que há pouca clareza em sua fundamentação filosófica.

Neste íterim, Granzotto (2005) discute sobre a origem da noção de “*gestalt*” entendendo que esta perpassa a filosofia fenomenológica e a Psicologia da Gestalt, além do

---

<sup>4</sup> Daqui por diante, ao se referir aos autores do livro Gestalt-Terapia, será utilizado suas iniciais: PHG.

que acredita ser a peça mais importante para compreender o que Perls denominou de “Filosofia da Gestalt”: a fenomenologia do *self*, qual julga ser desenvolvida principalmente por Perls e Goodman.

Sendo assim, para compreender as bases de uma teoria que se propõe como antítese ao viés tido como comum, se faz necessário percorrer os caminhos que a desviam do modelo tradicional. Portanto, Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007), entendem que a compreensão do campo clínico da GT não harmoniza com o viés tido como normativo e oficial: a clínica assistencial médica. Isto por que esta estaria atrelada ao termo grego *klinikós*, que por sua vez designa a prática que é exercida junto ao leito, ou seja, concebida como alguém que supostamente detém o conhecimento e os instrumentos capazes de ministrar em favor da reabilitação de outrém que é incapaz de atuar com autonomia em seu processo.

É de outra perspectiva que o campo clínico da GT se constitui, aproximando-se do termo utilizado pelos epicuristas: *clinamen*. Este propõe que todos têm, a todo instante, capacidade de operar desvios em sua experiência que irrompe em uma novidade para si. E é desta maneira, à luz da fenomenologia de Kurt Goldstein que PHG reconhecem como essencial para sua teoria, que os organismos estariam operando a cada momento uma contingência auto-reguladora (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007). Desta maneira, aceitando a autonomia do sujeito em seu processo que PHG (1997) entendem que um médico não pode assimilar saúde perfeita a uma tuberculose controlada, “[...] embora possa dar alta ao paciente. De preferência, ele deve esperar que, à medida que o paciente começa a se reintegrar, ele se tornará mais “humano” do que o esperado, ou do que o próprio médico é” (p. 118).

Assim, Passos e Barros (2001) compreendem que o *clinamen*, conceito da filosofia epicurista atrelado às concepções físicas, corresponde ao desvio que os átomos sofrem. Deste modo, devido a seu peso e velocidade, torna possível sua queda no vazio que os leva a chocarem-se e encadear-se na composição das coisas. Então, para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007), é através da expressão *clinamen* - na física epicurista - que se explica o “desvio” que ocorre de maneira espontânea a estes átomos que torna possível sua aglomeração através de encontros, rompendo assim com o modelo mecanicista dos primeiros atomistas. Logo, este rompimento com o campo do mecanicismo da física cria abertura para que a contingência tenha lugar na sociedade.

Desta forma, podemos arbitrar que, quando se trata da clínica gestáltica, o que interessa não são os padrões e valores, mas as condições necessárias para que desvios que possam aparecer, através daquilo que deriva, que é espontâneo. Nesse sentido, para Müller-

Granzotto e Müller-Granzotto (2012a), a clínica gestáltica é um espaço para acolhida diante daquilo que desvia, encontrando no discurso, o inesperado e o estranho que emerge. Assim, permitindo-se ser surpreendido pelos diferentes modos de ser que o sujeito possa expressar, dadas as suas condições socioambientais e a relação de campo. Com isso, para os fundadores da abordagem gestáltica, as circunstâncias clínicas, para além de uma ética do cuidado, representa somente uma das incalculáveis experiências de auto-regulação orgânica (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007).

Assim, com uma clínica que anda na contramão do modelo tido como tradicional podemos compreender como ela se dá pela deriva ética. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007) apontam que esta ética, por sua vez, não se ocupa daquela cunhada pelo termo *éthos* (iniciado com a letra grega *épsilon*), que aponta para nossa anuência de forma deliberada a padrões de comportamento, regras ou valores sociais. Como podemos ver antes quando falávamos no desvio, o *clinamen* está em concordância, segundo os autores supracitados, da expressão *éthos* (iniciada com a letra grega *eta*), que se apresenta como uma postura de acolhimento ao novo, ao outro, que remete a um lugar onde podemos ser nós mesmos, genuínos e autênticos, sentindo-nos protegidos e capazes de operar também abertura ao outro.

Portanto, para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007, p. 22 e 23) a GT é “uma forma de intervenção social cujo propósito é permitir a manifestação daquilo que faz derivar, precisamente, a espontaneidade criadora de nossa história”. Assim sendo, em sua ética, podemos notar um compromisso com a abertura para que outro se expresse livremente sem atribuir pressuposições. Assim, se destitui do teor moral ou de formas a padronizá-lo, em um caráter social. Destarte, para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a), no viés que concerne à teoria do *self*, PHG não direcionam olhar apenas para o que é desviante (*clinamen*). Ao compreenderem uma temporalização do fluxo de um momento a outro da experiência, retomam a outro termo epicurista: o de *parênklisis*. Este, por sua vez, define a prática de transição em movimento de uma dimensão para outra.

Assim, a ética gestáltica se apresenta como uma forma de ser e de contatar o outro. Tanto quanto a fluidez da experiência desviante quanto o acolhimento ao que desvia. Uma ética pautada na compreensão de que a contingência auto-reguladora do organismo/ambiente seja acolhida sem pressuposições, abrindo espaço para que a espontaneidade tenha lugar. Deste modo, acredita-se na importância desta relação possível através desta ética para o desenvolvimento do indivíduo no campo seja possível. Portanto, este caráter de abertura para o que não é padronizado ou preestabelecido, para que possa ter lugar na sociedade, abre caminhos para uma nova forma de conceber a experiência do sujeito que não seja pautada

apenas no que diz respeito ao controle, ao que se assimila ao intelecto e a razão.

### 3.2 A CRÍTICA AO MODELO MENTALISTA E A EXPERIÊNCIA ENQUANTO DESVIO

O modelo mentalista, como veremos a seguir, se aproxima mais do caráter empregado as expressões *klinikós* e *éthos* já mencionadas anteriormente. Consonante a isto, a GT mais uma vez toma um rumo diferente dos contextos tidos como tradicionais, desviando-se das concepções centralistas pré-estabelecidas. Este rumo o qual a GT se baseia surge através das releituras dos fundadores da GT feitas a partir da crítica formulada por Franz Brentano ao modelo mentalista proposto por John Locke.

Para John Locke, as faculdades superiores (a que é capaz de emitir juízos), ou seja, interligada a vontade e ao campo da razão, são enfatizados quando se trata da relação dos sujeitos consigo e suas experiências com o mundo. Portanto, este modelo associa-se ao modelo médico (*klinikós*) implícito nos manuais diagnósticos de transtornos mentais, tendo em vista a identificação de psicopatologias pelo critério de acometimento das faculdades superiores e da vontade racionalizada para as faculdades inferiores, isto é, para o campo da sensibilidade e da irracionalidade. Logo, o grau de exercício, autonomia e dominância das faculdades superiores sobre as inferiores é um dos critérios para a definição de saúde mental (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007).

Nesse sentido, Granzotto (2005) entende que, apesar de Aristóteles ter reconhecido as faculdades próprias do reino animal - como o desejo irracional - como uma faculdade autônoma, ninguém antes de Brentano havia afirmado que além de autônoma, ela direciona as faculdades superiores. Em meio a um cenário onde se valoriza a razão, por outro lado há espaço para que as emoções possam aparecer. Assim, como diz Robine (2005), da mesma forma que a ciência e a razão surgem na modernidade, também “é a modernidade que deu luz ao Romantismo e com ele a noção de emoção como preeminente” (p. 107).

Desta forma, Franz Brentano é o primeiro a fazer críticas ao modelo associacionista, ao descrever que as faculdades inferiores direcionam as faculdades superiores, a assim, determinam o curso da vontade e da capacidade de julgamento. Neste ínterim, se para o associacionismo, essas circunstâncias estariam entrelaçadas à loucura, para a teoria brentaniana as representações objetivas do mundo são antecipadas por representantes (fenômenos psíquicos), que são relacionados com a sensibilidade e motricidade humana. Por conseguinte, o que seria mais relevante do que a explicação associacionista e reflexiva de

operação da mente, seria a descrição da intencionalidade, ou seja, de que modo os sentimentos e afetos norteiam o intelecto (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007).

Portanto, a experiência desviante do que nos acomete enquanto faculdades inferiores (emoções, sentimentos) não só tem lugar na clínica gestáltica, como também assume preponderância através do reconhecimento da intencionalidade de Brentano. Com um modelo clínico que desloca-se do associacionismo e centralismo comum da época, concebe um viés que remete a autonomia e liberdade como potencialidades. Assim, compreende-se a importância das emoções e sentimentos no desenvolvimento humano, através principalmente das experiências relacionais, se afastando da visão de homem individualizado, que isola o ser humano e o enquadra em padrões e normas.

#### **4 O “ECLIPSAMENTO” DAS DIMENSÕES SOCIAL E POLÍTICA DA TEORIA DO SELF**

Nos anos que precederam os encontros nos Estados Unidos da América que deram origem ao livro *Gestalt-Therapy*, Perls e Goodman se ocuparam com suas próprias revisões da teoria de Freud. Enquanto Perls se orientou para uma reformulação teórica que pudesse embasar uma nova prática psicoterápica que vinha desenvolvendo juntamente com Laura Perls, Goodman buscava difundir as implicações sociais e políticas que acreditava estarem presentes nas teorias de Freud e Reich (BELMINO, 2014).

Porém, o *zeitgeist* em que ocorreram os encontros influenciou profundamente nas direções apresentadas nas teorias de PHG. Para Robine (2005), esta era uma época da modernidade, que trazia com ela o surgimento da primazia do entendimento de indivíduo, e com ele o que chamou de “efeito perverso”: o individualismo. Não obstante, lembra também que há notável associação da modernidade ao surgimento da razão e da ciência, ao conceito de sujeito – tema central das ciências humanas - e de sociedade, dos direitos humanos e seus princípios em favor de igualdade e liberdade.

É neste contexto que o autor entende a abertura dada para instigar o interesse dos humanistas aos assuntos ligados ao conceito de sujeito: criatividade, ajustamento, responsabilidade e liberdade, para falar alguns. Desse modo, o livro *Gestalt-Therapy* faz inúmeras referências à modernidade, desde a ênfase na responsabilidade e autonomia do sujeito às referências à psicopatologia, assim como também concebe o *self* de maneira a abordá-lo em suas estruturas parciais (ROBINE, 2005).

Apesar de conter o nome dos três autores no livro *Gestalt-Therapy*, Aylward (1999)

acredita que a sua relação com a filosofia pragmática, os experimentos feitos por Ralf Hefferline, as revisões teóricas e ensaios realizados por Perls acerca das teorias de Freud, tanto quanto os que já vinha desenvolvendo há alguns anos, que Goodman desenvolve a teoria do *self*. Ademais, considera esta formulação um marco que revolucionou a área psicoterápica para os terapeutas que se orientavam através do humanismo. No entanto, aponta que não foi apenas quanto viés psicoterápico que ocorreu este impacto, pois a postulação desta nova e radical concepção do funcionamento do *self* compreendia não somente o funcionamento integral do organismo individual, como também sua consonância com o ambiente, formando o campo onde as funções se desenvolvem.

Deste modo, Robine (2005) afirma que Perls dá continuidade ao seu trabalho de forma a ampliar essas referências à modernidade, enquanto Goodman não. Assim, entende que não restam dúvidas de quem foi o projeto desenvolvido em direção às ideias modernistas. Destarte, Aylward (1999) conclui que após o lançamento do livro, Perls concebe um *self* demasiadamente individualizado, autossuficiente e delimitado, que depende apenas de si mesmo para existir, se aproximando mais da concepção do ego transcendental de Kant, como uma entidade permanente, uma substância única.

Todavia, ainda no texto introdutório do capítulo em que abordam o *self*, PHG alertam para a importância do seu entendimento assim como o propuseram: “De fato, escolhemos discutir principalmente aqueles problemas e situações [...] cuja má compreensão tende a obscurecer a verdadeira natureza do *self* tal como o consideramos.” (PHG, 1997, p. 177).

Deste modo, o tema da psicologia proposta no livro *Gestalt-Therapy* desloca radicalmente o seu foco de investigação, pois para PHG (1997, p 43) “[...] a *psicologia estuda a operação da fronteira de contato no campo organismo/ambiente*”. Por conseguinte, os autores afirmam que a fronteira de contato não incide separação entre o organismo/ambiente, mas é onde há lugar para a experiência emergir, onde há o limite do organismo, o limitando e protegendo. Desta maneira, a fronteira de contato “[...] não é tão parte do ‘organismo’ como é essencialmente *o órgão de uma relação específica entre o organismo e ambiente*” (PHG, 1997 p. 43 e 44).

Destarte, Aylward (1999) entende que Goodman compreende o *self* como sendo uma construção relacional que se constitui através de ações interdependentes e socialmente conectadas. Deste modo PHG (1997, p. 44) concluem que “todo contato é social e dinâmico”. Para o trio de autores, o contato não pode ser habitual, categorizado ou meramente conservador, precisa desbravar o novo, pois só esse pode ser nutritivo. Podemos perceber aqui, talvez, o que tratamos mais acima sobre o *clinamen*. Contudo, expressam também que a

novidade não pode ser simplesmente aceita e integrada pelo contato de forma passiva, pois a novidade não pode ser experienciada de outra forma que não assimilada.

Deste modo, ao invés de uma substância única, o *self* seria a deriva de sucessivas experiências no fluxo, no pensamento, não se detendo ao que foi feito, mas no que está sendo feito na experiência imediata. Assim, há substituição contínua de um *self* momentâneo por outro a cada momento que passa, formado por ações autênticas que não se pode separar das relações interpessoais. Deste modo, o *self* não pode desenvolver-se isoladamente ou sem implicações as necessidades e propósitos dos outros (AYLWARD, 1999).

Assim, “*todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente*” (PHG, 1997, p 45). Ou seja, para os autores o contato se dá como resposta consciente e ativa, que orienta e manipula, compreendendo como instrumento de desenvolvimento no campo. Portanto, a função que entendem da fronteira de contato no campo organismo/ambiente é o desenvolvimento. Desenvolvimento este que ocorre através do que chamam de “ajustamento criativo”, e este, por sua vez, interage com o campo por meio da novidade e da rotina que resultam em assimilação, mudança e crescimento.

Contudo, se há algum malogro no fluxo do ajustamento criativo, a isso PHG (1997) chamaram de “psicologia anormal”. Esta por sua vez estuda a interrupção, inibição ou outras circunstâncias no contato que levam a mitigar o funcionamento flexível que se direciona criativamente ao novo. Esta interrupção do excitamento os autores relacionaram com a “neurose”. Então, se por um lado o contato fornece o real de maneira gradativa quanto ao ajustamento criativo, ao inibir, o neurótico se afasta do contato gradativamente para o irreal, alucinatório, etc. Portanto, a saber, “criatividade e ajustamentos são polares, são mutuamente necessários. Espontaneidade é apoderar-se, crescer e incandescer com o que é interessante e nutritivo no ambiente” (PHG, 1997, p 45).

Logo, podemos perceber que, nesta perspectiva, o *self* se desenvolve através das relações sociais, permeado por identificações e alienações da realidade, que através do excitamento se direciona para o crescimento, e a inibição do excitamento malogra o fluxo espontâneo da experiência. Assim, há um movimento contínuo de auto-regulação orgânica inserido no campo que emerge entre preservação e destruição. A essa destruição PHG (1997) chamaram de “agressão”. Nesse sentido, o ajustamento criativo de apreensão de novos materiais é operado a partir da agressão, fazendo com que o dessemelhante se configure enquanto semelhante, uma vez que há um movimento de agredir a novidade, assimilando ou descartando o que o organismo arbitra como necessário.

Assim, para PHG (1997), destruir contatos anteriores para que novos contatos possam dar conta do interesse vindouro é necessário, mas pode causar ansiedade e medo que levem à interrupção da ação. Ao mesmo tempo que acreditam que ocorre quando se concebe destruir o *status quo*, pois, quanto mais neuróticos, menos conseguimos ser congruentes e flexíveis. Ressalta-se então uma intolerância dirigida à ansiedade, sustentada pelo o que os autores denominam de “firmeza espartana”, dessensibilizando o sujeito para o modo com que evita o contato e a apreensão da novidade. Portanto, para Granzotto (2005), Brentano entende em sua crítica ao modelo mentalista certa intencionalidade, ou seja, a forma como os sentimentos e ações orientam o intelecto na experiência, e esta dá vasão para que PHG (1997) acreditem que não há neutralidade nem indiferença quando se trata da realidade do contato.

Mesmo com as concepções sobre o *self* apresentado no *Gestalt-Therapy*, há uma larga disseminação do modelo psicoterápico de Perls, como vimos anteriormente. Robine (2005), quando relata sua experiência com a teoria gestáltica assume que, após sua formação e prática na época do instituto *Esalen* ao modo “perlsiano”, e mais tarde atrelado às contribuições dos *Polster* no instituto de Gestalt-Terapia de *Cleveland*, encontrar com Isadore From (um dos membros do grupo dos sete - que fundaram a GT) foi um marco transformador:

Este repensar doloroso e radical levou-me a dar as costas firmemente para certas práticas, certas noções teóricas e certos preceitos éticos, em prol de outro enfoque, que eu já então percebia como sendo mais exigente (e eu ainda estava longe de medir todas as conseqüências). Tratava-se do enfoque de Goodman e Isadore From. Aliás, era difícil para mim distinguir a contribuição de From daquela de Goodman, pois ao longo de minhas duas formações anteriores em Gestalt, nunca havia ouvido falar em nenhum dos dois (ROBINE, 2005, p.103).

A principal diferença a que Robine (2005) se refere é primordialmente o enfoque dado ao “campo” que estava presente na teoria do *self* que From utilizava. Assim, assume que este encontro o leva a adentrar as concepções discutidas por Goodman que o torna capaz de reconhecer impasses e perceber limites no modelo proposto por Perls. No entanto, distante de considerar como uma teoria perfeita pontua que novas possibilidades foram vislumbradas nesta outra perspectiva e é de grande relevância que sejam identificadas e exploradas.

Se mesmo Robine (2005), formado e estudioso da teoria gestáltica em território estadunidense, surpreendeu-se com a abordagem teórica de From e Goodman, em outros lugares do mundo não poderia ser muito diferente. Espejo (2009) acredita que, na américa-latina, o trabalho de Goodman foi parcialmente ou totalmente oculto. Pois, mesmo sendo conhecido por sua influência no desenvolvimento da GT, não é dado a devida importância a

compreendê-lo. Por conseguinte, continua afirmando a relevância das contribuições de Goodman não apenas como psicoterapeuta, mas um crítico social, com implicações e trabalhos de grande relevância nos EUA nos anos 60 e 70.

Em 1984, em entrevista dada a Dan Roseblatt (1991), Laura Perls afirmou sobre a importância e influência de Goodman para a GT, dizendo que sem suas contribuições não haveria teorias com coerência alguma. Porém, nada disso parece ter sido suficiente para evitar seu aviltamento em outros lugares do mundo. Assim, Sá Júnior (2009) aponta que no Brasil não é diferente, pois, a importância dada a Goodman para a abordagem gestáltica também sofre um eclipsamento, negligenciando assim sua relevância apenas a um limite histórico.

Porém, para Robine (2005), se havia certo direcionamento ao modernismo nas teorias apresentadas no Gestalt-Therapy, houve também um desvio fundamental rumo ao âmago do que posteriormente seria chamado de pós-modernidade. Isto se deu devido ao deslocamento do *self* que Perls e Goodman introduziram quando o descentralizaram. Então, se havia na modernidade o ser individual e solipsista reconhecido como a única realidade, Goodman retira o foco desta direção. Deste modo

Goodman faz referência a uma realidade primeira: aquilo que existe é o campo. O campo é então definido como “um organismo e seu ambiente” e o *self* indica os movimentos internos do campo, movimentos de integração e de diferenciação, de unificação e de individuação, de ação e de transformação etc (ROBINE, p.107, 2005).

Todavia, “em termos de desenvolvimento, todo comportamento é social” (AYLWARD, 1999, p. 110, tradução nossa)<sup>5</sup>. Portanto, o autor explicita que o *self* não estaria dentro do organismo, tampouco em meio ao ambiente, mas está tanto na fronteira do contato como no próprio contato. Logo, a sua natureza é social e não se pode entendê-lo fora desse contexto, ou seja, o “Self, em essência, é o contato e é criado e desestruturado por meio de uma dinâmica holística na qual corpo, mente e mundo são inseparáveis” (AYLWARD, 1999, p. 111 e 112, tradução nossa)<sup>6</sup>.

A teoria do *self* é o âmago fundamental da construção ontológica do pensamento goodmaniano, referente ao embasamento teórico do *Gestalt Therapy*, operando por meio de uma linguagem fenomenológica e apontando para o ajustamento criativo para pensar a experiência humana, Paul Goodman dispõe de uma leitura crítica diante das teses

---

<sup>5</sup> Developmentally, all behavior is social.

<sup>6</sup> Self, in essence, is contact and is created and destructured through a holistic dynamic in which body, mind, and world are inseparable.

metapsicológicas freudianas. Por conseguinte, destaca-se o *self* como dinâmica relacional, uma função de campo, apoiando-se na teoria husserliana como modo de compreender uma subjetividade intersubjetiva (BELMINO, 2017).

Em consonância com isso, Belmino (2017) destaca que a história da humanidade é marcada pela evitação dos conflitos visando segurança e o controle. Entretanto, destaca que a leitura goodmaniana aponta que as situações inacabadas apresentam um efeito no presente, retornando como figura e exigindo modos de satisfação. Portanto, a solução para o conflito inacabado é negligenciada por formas de coerção e embotamento da excitação. Nesse sentido, deflagrando a relação entre um sistema *self* que se debruça para as formas com que os conflitos inacabados ocorrem na história das relações. Segundo o que demarca a ontologia gestáltica, a história individual e coletiva estão intrinsecamente imbricadas, e com isso, há sempre a emergência de uma repetição, buscando maneiras de atualizar-se, o que define um movimento de ajustamento criativo.

As contribuições de Goodman a que Laura se refere sejam talvez as mesmas percebidas por Robine quando vislumbra novas possibilidades que foram abertas. Sá Júnior (2009) admite um enfoque que vem sendo dado acerca das contribuições de Goodman à teoria do *Self*, nesta que se fundamenta na compreensão de campo e de contato, na interação de organismo-ambiente, que concebe uma perspectiva interacionista do desenvolvimento humano. E nesta perspectiva, abrem-se caminhos para se discutir e realizar desdobramentos da GT em um viés social e político.

Deste modo, através dessa concepção de funcionamento de *self*, abre-se espaço para se pensar uma primazia de uma “natureza humana” - que será mais bem explicado no tópico seguinte -, que está presente na auto-regulação organísmica e que possibilita o desenvolvimento através dos contatos. Assim, a alienação e identificação que ocorre na fronteira de contato e o funcionamento do *self* como um fluxo de figura/fundo oriundos dos excitamentos em permanente busca por uma solução vindoura no campo, Goodman propõe compreender a sociedade através de uma sociologia, se considerando também um socioterapeuta, que visa discutir a sociedade através das fissuras que percebeu estar presente principalmente no que chamou de “Sistema organizado”.

## **5 AS CRÍTICAS DE GOODMAN AO SISTEMA ORGANIZADO E A CLÍNICA GESTÁLTICA COMO FORMA DE INTERVENÇÃO SOCIAL**

Assim como faz com as teorias freudianas e reichianas anos antes da publicação do *Gestalt-Therapy*, Paul Goodman passa a implicar os pressupostos da teoria gestáltica nos fenômenos sociais e políticos, de maneira a construir uma “sócio-terapia” (SÁ JÚNIOR, 2009). Deste modo, Aylward (1999) intui que, com um modelo psicológico que concebe o indivíduo como capaz e saudável por natureza e a patologia como um rompimento de ordem secundária do equilíbrio homeostático natural, as teorias anarquistas-filosóficas de Goodman casam de maneira especial com a proposta da GT.

Desta forma, Aylward (1999) compreende que, em atividades subsequentes, como ensaios e artigos, Goodman abrangeu as realidades políticas e como estes fenômenos interagem com o funcionamento da fronteira do contato. Neste sentido, há uma crença de que Goodman dá a importância do dever social de prover suporte a um indivíduo que apesar de já ser e ter muito, pode ir além, dando foco às suas potencialidades. Ou seja, “Idealmente, Goodman imaginou uma unidade dinâmica de necessidade humana e apoio social [...]” (AYLWARD, 1999, p.112, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Porém, Espejo (2009) nos lembra que, ainda em 1945, Goodman já havia explicitado seu posicionamento político - bem aproximado do anarquismo -, porém é apenas na década de 60 que é reconhecido como crítico social com a publicação do livro *Growing Up Absurd*. Este dedica a Laura Perls e discute concepções acerca do desenvolvimento humano, das relações coercitivas e apresenta críticas ao “Sistema Organizado”. Neste sentido, Stoehr (1993) afirma que Goodman chegou a conceber esta obra, publicada nove anos depois da publicação do *Gestalt-Therapy* em 1951, como propostas sequenciais, pois para ele, se o primeiro tratava de uma psicologia anormal, este era sobre uma sociologia anormal. O livro então se trata de um manifesto ao desenvolvimento juvenil e é repleto de críticas direcionadas ao sistema.

No cenário do fim da guerra e um contexto de forte movimento contra o autoritarismo, vários nomes são empregados para designá-lo. Alguns no Ocidente chamaram de “economia de guerra permanente”, Orwell em 1949 chamou de *Big Brother* (grande irmão). Porém, nos EUA, alguns críticos, como o próprio Goodman, preferiram utilizar o termo Sistema Organizado (STOEHR, 1994). Este é, para Goodman, um Sistema

[...] que, além de incluir o Estado, pressupõe toda uma lógica de funcionamento social e centralista, coercitiva e dominante, que promove formas de alienação ainda mais agressivas, pois, para além das formas explícitas de coerção, a burocratização das relações humanas se traveste agora em um mal necessário, reconhecido e

---

<sup>7</sup> Optimally, Goodman envisioned a dynamic unity of human need and social support.

aceito socialmente, e, por isso, introjetado na cultura contemporânea sob a forma de dominação de nossos corpos como formas de saber que entendemos prescindir (BELMINO, 2017, p. 247).

No entanto, por um viés contrário de uma visão utópica, Goodman acreditava que a burocracia governamental formal era inversamente proporcional quando se trata da estrutura social e política e seu impacto na qualidade de vida individual. Sendo assim, adotara a concepção de que os distúrbios da fronteira do contato eram frutos das organizações sociais repressivas profundamente desenvolvidas que têm grande potencial de suprimir a espontaneidade do funcionamento humano (AYLWARD, 1999).

Por conseguinte, ao refletir sobre desenvolvimento, Goodman (1960) acreditava na existência de uma “natureza humana”, que a entende como potencialidade. Porém, apesar de não acreditar ser necessário definir de fato o que é esta “natureza humana”, compreende que professores e psicólogos - a quem credibiliza maior competência para tal - aceitam a presunção de que, ao crescer como ser humano, a cada fase há uma potencialidade em desenvolvimento. Deste modo conclui:

Mais frequentemente, porém, a questão é deixada vaga: começamos como uma tabula rasa e terminamos como "socializados" e cultos. ("Tornar-se culto" e "ajustar-se ao grupo social" são considerados quase sinônimos). [...] A essência da "natureza humana" é ser indefinidamente maleável. "Homem", como sugere C. Wright Mills, é o que se adapta a um tipo particular de sociedade em um estágio histórico particular (GOODMAN, 1960, p. 6, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Porém, Stoerh (1993) não considera que o domo teórico do livro *Gestalt-Therapy* continha o intuito de definir a natureza humana com normas e conceitos. Embora Goodman acreditasse na sua existência, nem em sua sociologia anarquista procurava prover um modelo de uma boa sociedade, mas seu intuito era instigar que as pessoas se inserissem e agissem na vida política e econômica.

Sendo assim, com a primeira publicação em que manifesta seu pensamento anarquista (*The May Pamphlet*) em 1945, Goodman discute o que acreditou ser o maior crime cometido pela humanidade: a traição de sua natureza. Nesta obra aponta e critica o distanciamento das

---

<sup>8</sup> More frequently, however, the matter is left vague: we start with a tabula rasa and end up with "socialized" and cultured. ("Becoming cultured" and "being adjusted to the social group" are taken almost as synonymous.) [...]The essence of "human nature" is to be pretty indefinitely malleable. "Man," as C. Wright Mills suggests, is what suits a particular type of society in a particular historical stage.

nossas comunidades primitivas e os caminhos sociopolíticos traçados pela sociedade ocidental de distanciamento da experiência imediata, construindo estilos de vida seguros e previsíveis, bem como, constituindo sujeitos desvitalizados. Desse modo, enquanto educador e ativista político preocupou-se com a desvitalização e a apatia contemporânea. No entanto, mesmo com a hegemonia do modelo centralizado de poder, notou que há experiências que ainda apresentam um caráter de variação e novidade. Então, Goodman lança-se à proposta de analisar os construtos históricos, políticos, sociais e econômicos dos quais se está submetido, para criar novas possibilidades de confrontação ao *status quo* (BELMINO, 2017).

Então, se há uma “natureza humana”, para Goodman (1960), esta assimila-se a uma cultura. Porém, o processo de crescimento é, por vezes, atrelado à aculturação, associado à ideia de abrir mão de uma cultura em detrimento de outra, assim como um povo assume a cultura de outro povo mais favorecido. É desta maneira, acredita, que no desenvolvimento do bebê que antes era selvagem e detinha costumes e concepções individualistas, há a desistência do egoísmo, da onipotência, em prol de um lugar na sociedade, sendo assim “socializado”.

Assim, a partir de Belmino (2017), ancorando os aspectos sociopolíticos dados a perspectiva de Goodman, ressalta-se a sua maneira de visualizar a experiência e a constituição humana: processo que não se finaliza pela conjunção entre um corpo e uma história. Entretanto, é baseado em uma cultura e na generalidade de uma história impessoal em ações de abertura que se circunscrevem como modo de repetição e novidade, designando o que de fato emerge como *Gestalt*. Posto isto, o campo experiencial intersubjetivo é imbricado na história das instituições, que podem apresentar uma função de coerção e priorizar uma sociedade ajustada. Destarte, a teoria goodmaniana se distancia da concepção de uma identidade concebida por meio de um viés privado, uma vez que há o afastamento do lócus experiencial. Mais além, critica as dualidades entre o homem puramente social ou individual, uma tabula rasa condicionada pela cultura ou um ser individual e aculturado.

Apesar de apresentar as situações inacabadas da sociedade, como fez em *Growing Up Absurd*, Goodman não acreditava ser o suficiente para retornar a vitalidade e sensibilidade das pessoas. Como um bom pragmatista que entendia que “contato é ‘achar e fazer’ a solução vindoura” (PHG, 1997, p. 48), não deixou de investigar atenciosamente as revoluções e reformas mal resolvidas que puderam dar a ele pistas de onde encontrar os problemas presentes na sociedade. Destarte, não se detinha a ir ao passado em busca de uma resolutividade, mas a fazer experimentos práticos no presente. Quando associavam suas formulações ao pensamento utópico, dizia que a estas pessoas cabia medo de serem práticos (STOEHR, 1993).

Logo, um sistema organizado que opera por via de um modelo social centralista que concebe a cultura dominante como forma de civilização e que fomenta formas de alienação agressivas e excludentes, Belmino (2017), em sua leitura sobre Goodman, aponta que no movimento civilizatório de distanciamento do contato com as necessidades básicas de satisfação aliada a forças repressivas, chegamos a um nível de dessensibilização e conforto parcial. Em um estado de ansiedade e tensão crônica, busca-se proteção e vigilância nas instituições, à custa de enrijecimento, embotamento da expressividade e evitação do ato de contatar com a experiência, podendo culminar na vulnerabilidade da função de ego/ato, vislumbrada nos ajustamentos neuróticos de evitação.

Então, desapontado com o liberalismo contemporâneo, Goodman estava apreensivo em como a burocratização do industrialismo avançado produzia alienações. Para ele, o processo de alienação/identificação da função de contato tem base permanente nas realidades políticas e sociais fornecidas. Assim, Goodman era crítico de como a revolução industrial gerava desumanização, e estava atento a toda forma de tirania sobre a conduta do outro. Neste viés, Goodman defendia veementemente o indivíduo desimpedido, que reconhecia ser melhor nutrido por um estilo de vida criativo e uma doutrina política não repressora (AYLWARD, 1999). Neste contexto, Goodman discute sobre a adaptação sofrida pelas pessoas para servir às necessidades do modelo industrial:

Por exemplo, em nosso sistema altamente organizado de produção de máquinas e suas correspondentes relações sociais, a prática é, por "orientação vocacional", adequar as pessoas onde quer que elas sejam necessárias no sistema produtivo; e sempre que os produtos do sistema precisam ser usados, a prática é, por meio de propaganda, levar as pessoas para consumi-los (GOODMAN, 1960, p. 4, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Portanto, após o lançamento do livro *Growing Up Absurd*, Goodman adotou a palavra utópico para título do seu livro (*Utopian Essays and Practical Proposals*) para se referir ao funcionamento do próprio sistema organizado, apontando-o como um sistema que aliena e manipula, tornando as mudanças algo cada vez mais distante da realidade.

Este é o ponto crucial do argumento sobre o pensamento utópico. É verdade que o sistema organizado americano invadiu as

---

<sup>9</sup> For instance, in our highly organized system of machine production and its corresponding social relations, the practice is, by "vocational guidance," to fit people wherever they are needed in the productive system; and whenever the products of the system need to be used up, the practice is, by advertising, to get people to consume them.

personalidades das pessoas, mesmo que proteja a individualidade, a privacidade e a liberdade de escolha de todos os homens. Pois o sistema minou a iniciativa e a confiança para fazer mudanças fundamentais. Ele minou a autoconfiança e, portanto, secou a imaginação espontânea dos fins e a capacidade de inventar experimentos engenhosos (GOODMAN, 1962, p. 9-10, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Desta maneira, de acordo com Belmino (2017), este processo de alienação se dá na busca de segurança e controle, reforçam-se atitudes que privilegiam e ancoram o sistema organizado. Portanto, a construção de uma personalidade rígida é incitada pelo contexto social contemporâneo, fortalecendo relações sociais burocratizadas e afastando-se da fluidez experiencial. Em consonância com isso, PHG (1997, p. 47) acentuam que a segurança se refere a dificuldade em operar com a agressão, enfatizando-a como “apegar-se ao não percebido, recusando o risco do desconhecido implicado em qualquer satisfação absorvente, e com uma dessensibilização e inibição motora correspondentes”.

A subalternização as ações coercitivas institucionais, ancora-se na renúncia a autonomia e baseia-se em dois principais fatores: a sociolatria e a centralização. A primeira, refere-se ao que Goodman chamou de “religião da sociedade”, crendo que o sistema organizado deve gerenciar e organizar a vida cotidiana, cabendo aos indivíduos venerar o Estado como agente responsável pela ordem, desenvolvimento e progresso. Já o segundo quesito, está associado à centralização dos sistemas estatais em uma lógica de alienação, pois ao se consolidar como modelo hegemônico, investe em uma ideia ilusória de que seria o único modo de vida (BELMINO, 2017).

No entanto, esta perspectiva de Goodman enraizada no seu seu pensamento anarquista que pretende um modelo descentralizado que prioriza relações não coercitivas, cria toda uma tensão que visa dar margem à liberdade para que as potencialidades de cada indivíduo seja alcançada. Então, se pensamos na sociolatria, é importante frisar que não a concebia como ausência de ordem, mas como ausência de autoridade (AYLWARD, 1999). Neste ínterim, Stoehr (1994) acredita que as críticas de Goodman ao estado organizado têm muito mais a ver com um viés antropológico, quando aceita que a natureza e cultura humana são frutos de um processo progressivo de tentativa e erro.

A adequação do sujeito por “socialização” em detrimento de segurança e controle

---

<sup>10</sup> This is the crux of the argument over utopian thinking. It is true that the organized American system has invaded people's personalities, even though it protects every man's individuality, privacy, and liberty of choice. For the system has sapped initiative and the confidence to make fundamental changes. It has sapped self-reliance and therefore has dried up the spontaneous imagination of ends and the capacity to invent ingenious experiments.

configura uma fé nos modelos coercitivos acreditando que sem eles haveria apenas caos e, como dito antes, pode levar a ansiedade. A mudança se torna assustadora e se torna mais fácil preservar que destruir. Condizente a isso, “quando as rotinas desmoronam, às vezes descobertas importantes são feitas, ou pelo menos pode haver a onda de alívio que vem do relaxamento do controle sobre as coisas. Esse era um dogma profundamente enraizado no canto taoísta da psicologia de Goodman” (STOEHR, 1993, p. 61, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Mesmo que o modelo coercitivo de poder centralizado tente a todo custo reprimir a criatividade, há sempre algo que escapa à essa lógica de dominação. Tal como a neurose, caracterizada pela resistência política, ao mesmo tempo em que incide sobre o autocontrole, a rigidez e a evitação (PHG, 1997). Para Goodman, o campo experiencial é formado pelo sistema *self* (id, ego e personalidade), em um movimento formado por repetição e diferença. Porém, o modelo centralista objetiva controlar a diferença e a novidade, uma vez que ela deflagra agressão e conflitos. No entanto, ressalta-se que

[...] há sempre algo que fura (o id da situação) as identidades e por meio dos atos produz uma diferença como forma de abertura a um porvir ainda não dado na realidade [...] o sintoma, a repetição, a diferença e os rompimentos históricos são a manifestações de que há algo que sempre escapa ao entendimento e escapa a possibilidade de qualquer controle, e é o reconhecimento dessa dimensão que permite uma teoria da potência transformadora da experiência (BELMINO, 2017, p. 255).

Posto isso, conforme PHG (1997), a maior problemática da sociedade moderna não está relacionada a exacerbção dos conflitos, mas a falta dos mesmos, uma vez dada a repressão da agressão e da sexualidade, há severas dificuldades para lidar de forma genuína com os conflitos de seus relacionamentos interpessoais. Por conseguinte, Belmino (2017) aponta que dadas as condições políticas, apresentando-se mais eficaz recorrer a estratégias de coerção (policiamento e totalitarismo) adotadas pelas instituições sociais para a garantia da manutenção social. Assim, produzindo medo, temor, submissão e impotência aos mesmos indivíduos que se promete proteger.

Outrossim, surge um impasse entre o desenvolvimento e a institucionalização e burocratização a que somos submetidos, podendo levar a interrupção da experiência autêntica. Então, para Belmino (2017) Goodman, entende que o ato de contatar genuinamente se

---

<sup>11</sup> When routines break down, sometimes important discoveries are made, or at the very least there could be the wave of relief that comes from relaxing one's grip on things. This was a very deeply rooted tenet in the Taoist corner of Goodman's psychology.

configura enquanto subversão social e como forma de contraposição ao sistema organizado, compreendendo que a noção de *self* como campo organismo-ambiente privilegia o aspecto relacional enquanto critica a ênfase individualista do sistema organizado.

Neste sentido, a noção de clínica gestáltica se remete a uma relação ética (*êthos*), como supracitado anteriormente, não se limitando ao âmbito psicoterápico, mas indicando um modelo ético que preza pelo acolhimento ao inesperado, ao desviante e a diferença como modo de transformação social. Assim, parte-se de uma conceituação de ego enquanto subversão da dicotomia entre indivíduo-mundo, organismo-ambiente, negando uma consciência individual e privatizada para conjecturar uma unidade de co-presença relacional. Vive-se uma única consciência transcendental, coletiva, pois somos dinamicamente transpassados e consagrados pelo mundo (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007).

Nesse viés, debruçando-se sobre os dispositivos sociais e as relações de poder, destaca-se conforme Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) que o preço do autocontrole exigido pela sociedade é a dessensibilização e a desvitalização, devido ao controle social, impedindo as pessoas de vivenciarem as experiências de maneira integrada. Dois fatores são propulsores para isso, como afirma Fritz Perls (2002): o capitalismo e a religião, que fundam neuroses coletivas. Ainda mais, aponta que quando não ocorre a abdicação das necessidades organísmicas e o sujeito se contrapõe às imposições sociais, este pode ser marginalizado ou até banido, ocasionando uma neurose individual. Enquanto que do contrário, a neurose coletiva está presente nas religiões e no consumismo desenfreado.

Recorrendo a uma perspectiva histórica, ressalta-se:

O judeu religioso não culpa a Jeová por nenhum fracasso ou desgraça. Ele não arranca o seu cabelo, não bate no seu peito – retroflete o próprio aborrecimento, culpa a si mesmo por toda a desgraça, arranca seu próprio cabelo, bate no seu próprio peito. Esta agressão retrofletida foi o primeiro passo para o desenvolvimento de nossa civilização paranoica [...] Na religião cristã, entretanto, o processo vai mais além: todos os instintos devem ser reprimidos, e uma cisão entre corpo e alma é estabelecida; o corpo como portador dos instintos é desprezado e condenado como pecaminoso. Por vezes, até exercícios são prescritos pra amortecer o corpo e suas funções (PERLS, 2002, p. 182-183).

Posto isso, conforme (PHG, 1997), nessa sociedade, o corpo é objetificado e as pessoas utilizam-se umas das outras como instrumentos, enquanto isso há o desenvolvimento e a cristalização de leis e tabus. Nessa visão, o homem começa a aperfeiçoar as relações interpessoais por meio da construção de contratos sociais e simbólicos, que passam a ser a

base norteadora da sua vida. Assim, o funcionamento social é comandado por enquadres educacionais, culturais e governamentais. Isso culmina sobre as práticas simbólicas como protagonistas, torna-se mais importante à busca pelo dinheiro e prestígio do que a satisfação pessoal, e seguir padrões inalcançáveis que se colocam enquanto fonte de sofrimento.

Assim, Hoepfner (2015) afirma que nossa cultura é marcada por normas, regras e padrões sociais que não aceitam as diferenças e as diversidades, sejam elas étnicas, de gênero, orientação sexual, idade ou condição socioeconômica. Isso é feito para a legitimação na organização social na qual são excluídos, para justificar e legitimar as relações de poder, aviltando a criação de dispositivos de transformação.

Destarte, há a presença cotidiana de um desejo dominante em contraponto ao desejo das pessoas que são dominadas, exigindo a alienação das representações sociais em prol de ideais políticos normativos. Por meio de estratégias de controle e dispositivos de policiamento, situações em que o Outro social dissemina que o consumo é a única possibilidade de participação na sociedade. A exclusão social ocorre uma vez que não há oportunidade de participação em um Estado de direito, condenados por um poder soberano em um sistema de justiça política em que as pessoas são vigiadas e punidas, sem chances a defesa ou a proteção (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

Salienta-se que para Belmino (2017), a sociedade contemporânea está em um estado de completa apatia social diante dos conflitos reais. A violência não é um modo de estabelecer soluções aos conflitos, mas de aniquilar quaisquer vestígios de possibilidades novas. Então, faz-se papel da GT suscitar conflitos genuínos como forma de intervenção social, uma vez que estes são capazes de insurgir processos de criação, sendo possível tanto no espaço psicoterapêutico como nos embates políticos de comunidades. Desse modo, atentando-se para o problema instaurado pelas coercitividade, no que se refere aos modos de repressão dos quais as pessoas em vulnerabilidade são submetidas, em um acirramento da manutenção da luta pelo poder.

Segundo demarca Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012b), mulheres, negras (os), homossexuais, travestis e transexuais estão reduzidos à condição de pessoas desprezíveis e matíveis, cuja vida pouco interessa, visto que são inferiores e indesejáveis, indivíduos que não são reconhecidos em sua cidadania (vulnerabilidade política), muito menos em sua humanidade (vulnerabilidade antropológica). Pormenorizando as relações de campo no sentido político, nota-se o ímpeto das relações sociais no jogo dominador/dominado, e que não se trata somente de dominação do diferentes, mas de garantir de destruição da diferença e subalternização à condição de objeto dominado.

Contudo, para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012b), concretizar ações de enfrentamento ao sistema organizado neoliberal é indispensável e substancial para a atuação conforme a abordagem gestáltica, propiciando a expansão da elasticidade experiencial, bem como incitando à assunção do risco e autonomia. Nesse ínterim Bocardi (2015) dispõe sobre a necessidade de acolhimento da diferença e estranheza que pode ser encontrada em cada um, bem como de atuar na defesa dos silenciados e marginalizados. Nesse contexto, a função ética do clínico gestáltico é pautada no asseguramento de cidadania, advogando em favor da promoção de espaços de maior aceitação aos excluídos.

O sofrimento se instaura como saldo da exclusão social, em função da ausência de um imagético social em que os indivíduos se encontrem aceitos, incluídos, funcionais e respeitados. Com formas dogmáticas de possibilidades de identificação e de desenvolvimento da função personalidade, despir-se disso é arrancar a “pele social” da qual utilizava para comunicação. Então, o sujeito dominado está a dispor de suas próprias representações e se apropria das que hipotecou dos outros, incluindo dos desejos dos outros (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

Portanto, como dispõe Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a), o poder é o modo como cada um se sujeita ou domina o semelhante a possibilidades de agir. Por isso, é cabido a abordagem gestáltica no secretariado das relações de poder do sujeito, na condição de corpo auxiliar em um envolvimento solidário. Assim, atentando-se para de que forma os sujeitos se apropriam da sua condição política e de que modo vivenciam as relações de poder, substanciada pela atualidade da experiência genuína. O papel do Gestalt-terapeuta aponta também para a responsabilização e implicação nos processos de mudança no que se dirigem aos empecilhos e as oportunidades na construção de seus projetos políticos. Com isso, não se trata de encontrar aspectos causais que expliquem a submissão das pessoas ao poder alheio, muito menos de trabalhar com o estabelecimento de metas para que o alcance da felicidade, mas de atuar no sentido da espontaneidade criativa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das referências feitas à modernidade presentes no *Gestalt-Therapy*, a teoria do *self* representou um marco em direção ao que posteriormente seria chamado de pós-modernidade. Alguns autores da GT, tendo em vista os demais escritos dos dois teóricos, atribuem a primeira perspectiva a Perls e a segunda a Goodman. O *self* passa a ser não mais

uma unidade individualizada, mas um sistema de contatos que se desenvolve nas relações, deslocando a concepção individual para uma perspectiva social.

Este *self*, ancorado em uma clínica fundamentada da deriva ética, aponta para o acolhimento do estranho, diferente, do que foge as normalidades do *status quo*, gera críticas ao Sistema Organizado, abrindo espaço para se construir uma GT compromissada com as intervenções sócio-políticas. Para Goodman, a neurose tem sua construção antropológica através das relações que permitem as potencialidades da natureza humana e as que a coíbem. Assim, pautados na crença do desenvolvimento através das relações libertárias, a abordagem gestáltica aponta para intervenções que visem emancipação dos modelos autoritários e contraposição às burocracias institucionais desvitalizantes.

Embora na pesquisa tenha encontrado autores que acreditem na relevância da perspectiva sócio-política da GT, percebeu-se uma carência de material, principalmente em outras línguas que não seja o inglês. No entanto, acredita-se que o enfoque dado a este viés tem sido abrangido. Porém, apesar da teoria perlsiana ter sido disseminada durante décadas, concorda-se com Robine (2005) ao acreditar que novos horizontes foram vislumbrados e precisam ser discutidos. Com isto, aponta-se para a importância de contribuir para construção de conhecimentos teórico-práticos da abordagem gestáltica, como a de instigar novos estudos na área.

Portanto, o compromisso social e político implicado na teoria gestáltica apontam para ações em prol de uma sociedade menos conservadora, autoritária, repressora. Estas ações configuram intervenções de descentralização de poder e na construção de relações pautadas no protagonismo da coletividade e de apoio social comunitário. Deste modo, acredita-se ser de responsabilidade do gestalt-terapeuta estar atento à sua sociedade de modo a compreender a relação que estabelece com os indivíduos.

## REFERÊNCIAS

AYLWARD, J. The contributions of Paul Goodman to the clinical, social, and political implications of boundary disturbances. **Gestalt Review**, v. 3, n. 2, p. 107-18, 1999.

BELMINO, M. C. B. **Fritz Perls e Paul Goodman: duas faces da Gestalt-terapia**. Fortaleza: Premius, 2014.

\_\_\_\_\_. **A ontologia gestáltica de Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais: Gestalt-Terapia, anarquia e desescolarização**. Rio de Janeiro: Via Verita. 2017.

BOCCARDI, D. O. Os caminhos da saúde mental e a Gestalt-terapia: compreensão do campo

na atenção psicossocial. In: BELMINO, M. C. (Org.). **Gestalt terapia e atenção psicossocial**. Fortaleza: Premium, 2015. 60-107.

ESPEJO, R. Desarrollo humano y participación comunitaria: algunas reflexiones desde el enfoque gestáltico de Paul Goodman. Polis, **Revista de la Universidad Bolivariana**, V. 8, No 23, p. 43-62, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODMAN, P. **Growing Up Absurd: Problems of Youth in the Organized System**. New York: New York Reviews Books, 1960.

\_\_\_\_\_. **Utopian Essays and Practical Proposals**. New York: Random House, 1962.

GRANZOTTO, R. L. **Gênese e construção de “filosofia da gestalt” na Gestalt-Terapia**. 2001. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

HOEPFNER, A. M. S. Vulnerabilidade e sofrimento: a proposta de intervenção na Gestalt-terapia. In: BELMINO, M. C. B. (Org.). **Gestalt-terapia e atenção psicossocial**. Fortaleza: Premium, 2015. p.174-186

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L.. **Clínicas Gestálticas: sentido ético, político e antropológico da teoria do *self***. São Paulo: Summus, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Psicose e sofrimento**. São Paulo: Summus, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia e Gestalt-Terapia**. 3 ed. São Paulo: Summus, 2007.

PASSOS, E. BARROS, R. B. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. **Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa**. Rio de Janeiro, n. 13, v 1, p. 89-99, 2001.

PERLS, F; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, F. S. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método Freud**. São Paulo: Summus, 2002.

ROBINE, J. M. A Gestalt-Terapia terá a ousadia de desenvolver seu paradigma pós-moderno? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro. ano 5, No 1. 102-126, 2005.

ROSENBLATT, D. An Interview with Laura Perls, **The Gestalt Journal**, v. XIV, n. 1. 1991.

SÁ JÚNIOR, L. F. C. Paul Goodman e os outros caminhos da Gestalt. **Revista IGT na Rede**, v.6, no 11, 2009, Página 243 de 264. Disponível em <http://igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/viewFile/1927/2633>, acesso em 14 de nov. de 2018.

STOEHR, T. Paul Goodman and the Political Dimensions of Gestalt Therapy. **The Gestalt Journal**. v. XVI, n. 1. 55-90, 1993.

\_\_\_\_\_. **Here, Now and Next: Paul Goodman and the Origins of Gestalt-Therapy**. San Francisco: Gestalt Institute of Cleveland, 1994.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1998.